

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram publicadas).

271. DEBATES DE HISTÓRIA REGIONAL

É sempre com muita satisfação que tomo conhecimento - e quando posso registro-as pela imprensa - de novas publicações universitárias consagradas às letras históricas. É o que ocorre no momento com uma revista editada pelo Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas, cujo número inicial tive o prazer de receber por gentileza do prezado amigo e colega Professor José Octávio, conhecido historiador paraibano e professor da Universidade Federal de seu Estado.

Não percebi se o título com que se apresenta a nova revista, "Debates de história regional", pretende ser o título permanente da publicação ou se ele condiz apenas com esse número inicial. Não importa. O que mais interessa, no caso, é constatar a ênfase que a revista dá aos temas regionais e que se depreende da própria apresentação: "O objetivo é estudar com prioridade a temática regional, particularmente a alagoana". Com efeito, os temas alagoanos predominam, abrangendo variada gama de abordagens históricas, desde processos inquisitoriais até as raízes do comunismo e a presença dos "boias frias". Ou antes até, desde a pré-história. Tudo tratado de maneira clara, despretensiosa e de boa forma, tornando agradável sua leitura.

Sem prejuízo dos outros onze trabalhos que figuram no volume, permito-me destacar o que figura como quarto item, de autoria do professor José Octavio, sobre "Os seminários paraibanos de cultura brasileira", excelente realização que por vários anos marcou o calendário cultural da capital paraibana, e que contou,

em todos eles (cinco até agora) com a participação de figuras expressivas das letras históricas, jurídicas e sociológicas não só da Paraíba, mas de diversos Estados do Brasil e dos quais até o rabiscador desta nota teve oportunidade de participar, por nímia gentileza de seus organizadores.*

Foram eles realizados entre 1976 e 1981. Iniciativa do "Grupo José Honório Rodrigues", do Departamento de História da Universidade Federal e do Instituto Histórico Paraibano, contaram desde o início com o apoio oficial do Estado, graças ao empenho de Tarcísio Burity quando Secretário da Educação e depois Governador do Estado.

O Professor José Octávio, que em todos eles atuou como coordenador e ativo participante, traça em seu trabalho excelente apreciação do que significaram essas reuniões para a cultura brasileira, quase uma reportagem (no bom sentido do termo) do que nelas ocorreu e de seu valor como fonte para a história. **Brasil, tempo e cultura**, intitulam-se as publicações que reúnem a matéria debatida nesses seminários.

A presença de José Honório Rodrigues, Miguel Reale, Samuel Duarte, Gilberto Freyre, Amaro Quintas, Abguar Bastos, Boris Fausto, Luiz Toledo Machado, Octaciano Nogueira, Paulo Bonavides, Hélio Jaguaribe, Vamireh Chacon, José Calazans, entre outros (fora, naturalmente a "prata da casa"), basta para demonstrar a seriedade e o nível das reuniões de João Pessoa. E, felizmente, com quase todos os seus anais publicados, o que vale por precioso enriquecimento da bibliografia histórica brasileira.

No dizer de Vamireh Chaconb, tais reuniões "foram tão importantes que hoje fazem uma grande falta à Paraíba e ao Nordeste. Todo ano, em determinado mês, as atenções regionais se voltavam para João Pessoa. Oxalá um dia alguém com sensibilidade reinicie o programa". Interrompido há mais de dez anos (certamente por motivos ponderáveis), é o caso de se fazer coro com Vamireh Chacon e esperar pelo ressurgimento de tão simpático e valioso empreendimento. Mas, os volumes de seus trabalhos aí estão. E o artigo de José Octávio aí está para nos lembrar de seu interesse. (22-1-1994)

*

272. A ESTÁTUA DO BISPO

Quando, em tempos que já vão bem longe, fui residir em Juiz de Fora a fim de concluir no Granbery meus estudos secundários, ocorreu algo que a

(*) O mencionado trabalho de Professor José Octavio encontra-se também publicado em o nº 151, desta revista.

distância do tempo não apagou de minha memória. Fazia poucos dias que me encontrava na cidade, quando indaguei de um transeunte onde ficava determinado lugar a que deveria ir. "É bem perto da estátua do bispo", respondeu-me ele. Fiquei na mesma. Nem imaginava houvesse alguma estátua de bispo em Juiz de Fora. Bispo local, sabia que não era, pois a diocese juizforana não teria, na época, mais que cinco ou seis anos e seu primeiro bispo, Dom Justino de Sant'Ana, encontrava-se em plena atividade e nessas funções permaneceria ainda por quase trinta anos. Mas, como quem tem boca vai a Roma, não me foi difícil descobrir a tal "estátua do bispo". Por sinal que não era estátua, mas simples monumento (uma cruz encimando um medalhão) localizado à margem da via férrea da "Central", no trecho em que ela contorna o Morro da Glória para alcançar a estação de Mariano Procópio.

Recordava o monumento pavoroso desastre ocorrido no local, no dia 6 de novembro de 1895, resultante do encontro de dois trens e no qual perderam a vida o bispo Dom Luís Lasagna e diversos outros sacerdotes e também algumas irmãs, que o acompanhavam numa viagem ao interior de Minas aonde iam com o objetivo de estabelecer trabalho salesiano nas proximidades de Ouro Preto.

O desastre teve enorme repercussão em todo o país, não só pela qualificação das pessoas que nele pereceram, como pela maneira trágica como ocorreu, resultado do descuido de uma manobrista da estação de Mariano Procópio que "soltou" um trem sem ter tido o cuidado de verificar se vinha algum em sentido contrário. E vinha... A circunstância de ser um trecho da ferrovia em curva e ainda à noite e com bastante chuva, agravou ainda mais a situação, dificultando inclusive o recolhimento e a identificação dos corpos das vítimas.

Na minha inveterada curiosidade por nomes de ruas, não me foi difícil saber que uma via pública que descia do Morro da Glória e terminava precisamente no local da "estátua", ostentava em suas placas "Rua Dom Lasagna". Vinte anos depois do desastre, a 6 de novembro de 1915, inaugurou-se o monumento à "saudosa memória de D. Luís Lasagna e seus companheiros", como se inscreveu na placa.

Visto o monumento e conhecido o seu significado, é claro que despertou em mim, embora jovem ginasião, o interesse em conhecer algo sobre a ilustre vítima que a cidade de Juiz de Fora cultuava de maneira tão singela, mas bastante expressiva.

Ventilou-se na ocasião a hipótese de que o desastre fora provocado criminosamente contra os salesianos, envolvendo-se nessa trama a maçonaria de Juiz de Fora. Lamentavelmente, essa hipótese absurda e totalmente destituída de fundamento, encontrou guarida entre alguns sacerdotes e por muito tempo foi veiculada entre os salesianos, segundo informa Riolando Azzi, conhecido historiador da ordem salesiana no Brasil. Talvez seja essa a explicação para que tal versão apareça registrada na mais importante enciclopédia espanhola, a conceituada

"Espasa-Calpe", onde se lê que Dom Lasagna e seus companheiros foram "assassinados" em Juiz de Fora (que a Enciclopédia grafa erroneamente "Luiz de Foras").

Fiquei mais de 50 anos sem ver novamente a "estátua do bispo", embora indo com frequência a Juiz de Fora. Da última vez, há poucas semanas, quis vê-la. E foi com tristeza que de lá voltei, dado o estado em que encontrei o monumento. Praticamente abandonado, sujo, quase impossível de dele se aproximar, em grande parte deteriorado pela ação do tempo e de vândalos, que mutilaram até sua inscrição, prejudicado, ainda, pela fuligem das velas que a credence popular acende como se aquilo fosse objeto de culto e, como se não bastasse, ainda restos de comida ali deixados por pessoas crédulas. Nada, portanto, que recomende uma visita ao local. É pena. E seria tão fácil restaurá-lo, dadas as suas pequenas dimensões. Morasse em Juiz de Fora, encetaria uma campanha nesse sentido. Ainda voltarei a Dom Lasagna e aos salesianos. (29-1-1994)

*

279. AINDA DOM LASAGNA

Depois que "descobri" o monumento a Dom Lasagna em Juiz de Fora (conforme narrei em nota anterior) despertou-me o interesse em conhecer alguma coisa da vida e obra do dedicado sacerdote que, de maneira infelizmente tão trágica, ligou seu nome à importante cidade das margens do Paraibuna. Certamente - pensei - não seria num colégio protestante como o Granbery que poderia obter informações sobre um bispo católico. Pois foi. O Granbery, embora protestante, contava em seu corpo docente com numerosos professores católicos e foi um deles, dos mais velhos, pois já era garoto de oito ou dez anos quando ocorreu o lamentável desastre de 1895, quem me forneceu os primeiros dados sobre o sacerdote salesiano vindo para o Brasil em 1882 para estabelecer em nosso país a obra missionária pregada pelos discípulos de Dom Bosco.

O nome "salesiano" já dizia alguma coisa ao garoto de 15 ou 16 anos, que era quanto eu tinha na ocasião. Tendo morado em Campinas, associava-o ao mais belo edifício da cidade - e um dos mais belos do Brasil -, qual o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. E também conhecia, em São Paulo, o Liceu Sagrado Coração de Jesus, aonde fora levado, menino ainda, a visitar parente que nele estudava como interno.

Não existia, na época, ao meu alcance, nenhuma história da Igreja Católica no Brasil onde pudesse ler algo sobre a ilustre vítima de Juiz de Fora. O

acaso fez, um dia, cair-me às mãos uma revista de divulgação, do Rio de Janeiro, na qual encontrei pelo menos meia página sobre o que desejava saber. E com o tempo, é claro, à medida que me enfronhava em leituras sobre o Brasil, tomei conhecimento da grande obra missionária que os salesianos, vindos para nossa terra a pedido do bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, em 1875, vinham realizando não só nas cidades, mas especialmente no interior, em áreas então praticamente desconhecidas, como era o caso de Mato Grosso, onde seu trabalho entre os bororos e outros grupos indígenas, pode ser creditado como das obras mais importantes realizadas pela Igreja no Brasil. Inclusive, deixando depoimentos valiosíssimos em livros de consulta obrigatória para os estudos etnográficos, bastando citar, entre tantos, os de autoria dos padres Colbacchini e Albisetti.

Isso poderá dar assunto para outras notas. Prefiro ater-me ao bispo vitimado no desastre de Juiz de Fora. Começando seu trabalho apostólico no Uruguai, passando depois à Argentina e ao Paraguai, fixou-se no Brasil em 1882. Visitou todos os pontos onde ocorresse, na época, trabalho salesiano. Não esquentava lugar. Difícil acompanhá-lo em suas peregrinações, a última das quais, já foi dito, encerrou-se tragicamente em 1895. Como bom salesiano, tinha interesse especial pela obra educativa, que constituía no início o ponto central da obra no Brasil. Numerosas cidades do país têm até hoje colégios salesianos, quase todos importantíssimos e que marcaram indelével influência nas cidades onde se localizam.

Resultados de suas "inspecções" pelo Brasil são os numerosos relatórios e cartas que deixou, importantes todos para o conhecimento não só de seu trabalho em si, mas da reação mental que se notava nos primeiros contatos dos salesianos com o governo e a população. Aliás, é bom que se note, os salesianos foram sempre vistos com simpatia, o que, infelizmente nem sempre acontecia com outras ordens e congregações religiosas.

Na realidade, tornou-se Dom Lasagna a grande "alma" da obra realizada no Brasil pelos salesianos nos fins do século passado. Seu prestígio, sua facilidade de relacionamento, a alta consideração em que era tido, foram credenciais para sua ascensão à dignidade episcopal, o que aconteceu apenas dois anos antes do trágico acidente que o vitimou.

As fontes salesianas para o conhecimento do Brasil constituirão tema de uma próxima nota. (5-2-1994)

*

274. PÁGINAS DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS

A publicação, há quase 60 anos, do livro **Santa Catarina**, de Oswaldo R. Cabral (1903-1987), volume 80 da prestigiosa coleção "Brasileira", da Companhia

Editora Nacional, revelou-nos autor de pouco mais de 30 anos, realmente compenetrado do verdadeiro sentido da história regional. Ao elaborá-lo, procurou fugir aos moldes então usuais de uma história meramente cronológica ou administrativa, ou de uma história do Brasil simplesmente "adaptada" ao seu Estado, no caso Santa Catarina. Como resultado, tivemos, com seu livro, um dos melhores trabalhos já publicados entre nós, relativos à história de uma unidade da Federação. Eis porque alcançou excelente repercussão.

Santa Catarina foi o primeiro título (na área de história) de uma extensa bibliografia constituída de inúmeros ensaios do mais alto valor sobre a terra catarinense, compreendendo estudos de cidades, problemas de povoamento e colonização, temas sociais, religiosos, judiciários, folclóricos, etc. Isso, além do que escreveu sobre medicina, que foi sua profissão e do muito que deixou esparsos por jornais e revistas culturais. Pertenceu à Academia Catarinense de Letras, aos Institutos Históricos Brasileiro e de Santa Catarina e a diversas outras instituições. Exerceu funções públicas de relevo. Foi deputado estadual, um dos fundadores e professor da antiga Faculdade de Filosofia de Florianópolis, origem da atual Universidade Federal catarinense.

Para uma apreciação honesta e criteriosa (diria até completa) do que representou vida tão intensa e multifforme como a do médico e historiador catarinense, nada melhor que o livro que vem de publicar sua sobrinha e "herdeira intelectual", Professora Sara Regina Silveira de Souza, em edição conjunta das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina. Nesse volume divulgam-se pela primeira vez páginas de suas memórias, completadas com as lembranças e sua sobrinha, "quase filha", por quem nutria grande afeição e que, "por circunstâncias familiares e de trabalho, transformou-se na sua principal herdeira intelectual". E para aqueles que conheceram Oswaldo R. Cabral - lembra uma nota de contracapa - "o livro marcará o reencontro com uma inteligência brilhante e questionadora. Para as novas gerações trará o exemplo de uma personalidade única, que deixou saudade".

Saíu o volume assim, como se costuma dizer, um livro "a quatro mãos", alternando-se às memórias do historiador, bem como a coleta de numerosas páginas recolhidas de jornais e revistas (e todas de grande interesse), os dados complementares de Sara Regina. E o leitor fica em dúvida sobre qual das duas partes mais admirar, devendo, entretanto, entender que elas se completam.

Tive o privilégio de conhecer Oswaldo R. Cabral por ocasião de um congresso de geografia realizado em Florianópolis em 1940 e em cujo programa constava, como um dos seus pontos mais altos, uma conferência do historiador sobre a evolução histórica de seu Estado. Fazia cerca de três anos que saíra seu livro na coleção "Brasileira", e todos os que o haviam lido mostraram-se interessados na conferência programada. E não houve quem a não apreciasse. Para os eventualmente

interessados, apraz-me informar que ela se encontra publicada no volume primeiro dos **Anais do Nono Congresso Brasileiro de Geografia**, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Não tive mais oportunidade de encontrá-lo, pois fiquei muitos anos sem voltar a Florianópolis, embora passando muitas vezes pelo seu aeroporto em viagem para o Rio Grande do Sul. E quando aconteceu poder ficar alguns dias na capital catarinense em 1977, para um outro congresso, desta vez de história, não me foi dado vê-lo. E veio a falecer poucos meses depois.

O retrato de "corpo inteiro" que Sara Regina nos apresenta de seu querido tio é dos livros de leitura mais agradável de quantos tenho lido ultimamente. (5-3-1994)

*

275. DEZ LIVROS...

Excetuado o caso de Afonso de Taunay com relação à capital paulista, não sei de ninguém que haja escrito dez livros sobre uma mesma cidade, como o fez Isaac Grinberg, meu preclaro confrade da Academia Paulista de História, com relação à sua Mogi das Cruzes. Ou, invertendo os termos, não sei de nenhuma cidade brasileira (fora o exemplo já citado) que tenha merecido dez livros de um mesmo autor...

Tive o privilégio de prefaciar um desses livros, o nono, publicado em 1992. Ao fazê-lo procurei salientar alguns traços marcantes do trabalho do historiador mojiano: "pesquisador consciente (e paciente...) tanto das fontes impressas como das manuscritas, expositor criterioso de suas conclusões, espírito aberto às indagações e peculiaridades que ocorrem necessariamente em seu campo de trabalho, seus livros primam por externarem essas características que aponte em seu comportamento social e intelectual". E depois de tecer algumas considerações sobre o livro em que discute as origens de sua cidade, conclui: "Não ficou nisso. Interessou-se igualmente pela evolução da cidade, sua morfologia, sua cultura, seu folclore, enfim o cotidiano de sua terra, tudo marcado com muita vivência, muita dedicação, muito amor, mas também muito conhecimento".

É bom que se ressalte a temática abrangida pelo autor nos seus livros, e este novo, que vem de publicar (o décimo) evocando Mogi das Cruzes de seu tempo, é como que um complemento, deveras indispensável, no leque de abrangência de tudo quanto lhe pareceu valioso mostrar para caracterizar a evolução de sua cidade. Se, antes, valeu-se dos arquivos, vale-se agora de sua própria memória.

Quem tiver qualquer vivência de cidade interiorana certamente se encontrará em seu livro, pois, como bem ponderou o autor, seu trabalho "pode referir-se igualmente à maioria das cidades brasileiras do mesmo período". É só mudar os nomes, que tudo o mais se encaixa: a estação, o jardim, a escola, a padaria, o açougue, o clube, o cineminha (quase sempre poeira...), os bares onde a rapaziada se reunia, o "footing" na praça principal, as festas juninas, o carnaval, o coreto do jardim provavelmente com suas retretas domingueiras, os primeiros automóveis, as festas religiosas com suas procissões e quermesses, o sino da matriz com seus toques característicos, adequados às diversas funções, os cães vadios (sempre defendidos pela garotada...), os primeiros rádios, enfim tudo aquilo que fazia o encanto das cidades antes que elas se modernizassem e se tornassem sofisticadas e massificadas pelos novos meios de comunicação.

Mas, no que passa pela memória do autor, afora a evocação da cidade, há notas interessantes sobre a própria morfologia urbana, quase que uma geografia rétrospectiva, o que, de fato, só poderia ser feito por quem tenha um bom conhecimento da cidade, que é precisamente o seu caso. Seu painel mojiano estende-se por 30 anos, pois data de 1961 seu primeiro livro, **História de Mogi das Cruzes**; a ele seguiram-se: **Mogi das Cruzes de antigamente** (1964), **Retrato de Mogi das Cruzes** (1974), **História da Justiça em Mogi das Cruzes** (1977), **Gaspar Vaz, fundador de Mogi das Cruzes** (1980), **Mogi das Cruzes de 1601 a 1640** (1981), **Folclore de Mogi das Cruzes** (1983), **Memória fotográfica de Mogi das Cruzes** (1986), **Viajantes ilustres em Mogi das Cruzes** (1992) e **Mogi das Cruzes de meu tempo** (1993). E qual será o décimo primeiro? Felizes as cidades que têm quem lhes evoque a memória com tanta dedicação e proficiência.* (2-4-1994)

*

276. A PROPÓSITO DE UMA INICIAÇÃO POLÍTICA

A carreira política do Visconde de Taunay iniciou-se em 1872, como representante de Goiás na Câmara Imperial e só terminou com a queda do regime monárquico, em fins de 1889, quando se encontrava como senador por Santa Catarina. E nesse entremeio, coube-lhe presidir as províncias de Santa Catarina e Paraná, embora por pouco tempo, não passando de seis meses em cada uma delas.

Numa de suas "reminiscências" narra pormenorizadamente seu ingresso no Parlamento. Confessa a surpresa que lhe causou a notícia de sua eleição e se pôs

(*) Nota reproduzida, por gentileza do professor Isaac Grinberg, no jornal "O Diário", de Mogi das Cruzes, de 7 de maio de 1994.

a pensar como dirigir-se ao público ou aos seus pares nessa nova atividade, função para a qual não se julgava preparado, pois até então o máximo que falara em público fora como professor e ainda assim para poucos alunos e lecionando geologia e mineralogia, matérias pouco propícias a exercícios de oratória.

Todavia, teve Taunay bons conselheiros, especialmente Francisco Otaviano, político experimentado, com bela folha de serviços ao país e dado também a vãos poéticos, pois são de sua autoria alguns dos mais famosos poemas da literatura brasileira. (Quem não leu **Ilusões da vida?**: "Quem passou pela vida em branca nuvem/E em plácido repouso adormeceu,/Quem não sentiu o frio da desgraça,/Quem passou pela vida e não sofreu,/Foi espectro de homem, não foi homem,/Só passou pela vida, não viveu.)

Pois bem, entendeu Francisco Otaviano de transmitir ao jovem político algumas normas de como comportar-se na Câmara. E Taunay, vendo que seus conselhos "tão bem respondiam" às suas hesitações e aos seus receios, tratou de segui-los da melhor maneira possível até que adquirisse com o tempo a desenvoltura que bem o caracterizou nos seus últimos anos.

Algumas das coisas que Taunay dizia que pretendia fazer merecem consideração, especialmente nos dias de hoje. Não me furto ao prazer de transcrevê-las:

"Buscaria cumprir séria e restritamente os meus deveres parlamentares, primando pela assiduidade, estudando as ordens do dia e os pareceres das comissões, indo às sessões bem certo de como deveria votar, não arredando pé antes da conclusão dos trabalhos diários, o que sempre fiz, desempenhando como convinha o meu grave e novo papel na sociedade política, além de zelar com particular e grato afã os interesses da circunscrição eleitoral que me constituiria seu advogado e representante. Não havia de me arriscar aos perigos da tribuna senão para tratar, o mais resumidamente possível, de assuntos militares que conhecia bem e em que me sentia seguro, dando neles opinião com toda a singeleza, sem pretensões à retórica e só com o fim de ser prático e útil; fugiria prudentemente das matérias que não fossem de minha alçada e especialidade, observando atento o modo de proceder dos outros e as fórmulas habituais que tanto ajudam o parlamentar".

E por aí afora, continua o futuro Visconde (pois esse título só lhe foi conferido já ao findar de sua carreira), lembrando quanto se valeu das recomendações de seu conselheiro, que se estendem por mais de uma página de suas reminiscências. Página que valeria a pena ser impressa e distribuída a nem sei quantos parlamentares de hoje, que cada dia parece se compenetrarem menos de suas verdadeiras funções de "representantes do povo". Especialmente muitos que chegaram a declarar abertamente que só compareceriam às sessões em que deveria ser votado assunto de alta relevância se... tivessem garantida a passagem de avião para se retirarem da capital na véspera do Carnaval!

Bem, a quem estiver interessado nos conselhos de Francisco Otaviano, encontram-se eles no livro **Homens e coisas do Império**, do Visconde de Taunay, páginas 98 a 100, edição Melhoramentos, São Paulo, 1924.

